

## A RELAÇÃO ENTRE ARTE E TRABALHO NA ESTÉTICA MARXISTA

DEBIAZI, Marcia da Silva Magalhães (UNIOESTE)

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da (Orientador/UNIOESTE)

O presente trabalho é referente à dissertação intitulada “Estética marxista e educação: formação para a emancipação humana”. Este trabalho estuda a noção de estética marxista em seu campo teórico próprio, em seguida sugere a importância como mediação educacional, uma vez que pensa uma educação omnilateral como horizonte na emancipação humana. Para isto esta dissertação discute o a relação entre arte e trabalho no pensamento de Marx, particularmente nos *Manuscritos econômico-filosóficos*.

Quando analisamos a obra, percebemos que Marx, busca de maneira geral, analisar a sociedade e a vida concreta da humanidade na sua totalidade. Entretanto, dentro destas análises e discussões é possível perceber alguns apontamentos atrelados a questão da estética e ao desenvolvimento da arte, que de acordo com Marx, estarão imbricados ao sentido da atividade humana, ou seja, relacionados ao desenvolvimento do trabalho, uma vez que “[...] foi Marx quem viu claramente a relação entre a arte e o trabalho através de sua natureza criadora comum [...]” (VÁZQUEZ, 2011, p.42).

O processo que possibilitou ao homem afirmar-se sobre o mundo exterior foi o fato de conseguir exteriorizar suas subjetivações. Esta exteriorização, de acordo com Marx, se dá por meio do trabalho. O trabalho é entendido como o ato fundante do ser social, “o primeiro ato histórico, portanto, ato fundador da especificidade do homem é a criação de meios para satisfação de necessidades [...]” (MARX e ENGELS, 2007, p.50), é a partir dele que se cria condições para a humanização do homem. Entretanto, o homem como qualquer outro ser vivo, deve manter uma relação de troca com a natureza, sobre tudo para se alimentar. Todavia, o que diferencia o homem dos outros animais é o caráter consciente de suas atividades, uma vez que visa realizar atividades previamente planejadas.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas, eles próprios começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida [...]. [e] Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (MARX e ENGELS, 2007, p.42).

O homem é visto como um ser que cria seu próprio mundo através do seu trabalho, e o homem se faz um ser peculiar, porque além de ter consciência individual interna, ele é o único ser que possui consciência de gênero, pois necessita de relações sociais para realizar sua essência, além do mais a vida individual só se tornou possível devido à existência previa da vida coletiva. Assim, não há possibilidade de separação entre espécie humana e gênero humano, pois foi a mediação da ação conjunta dos homens que possibilitou o viver individual, conseqüentemente, é da natureza do homem dominar a natureza em conjunto com seus semelhantes, uma vez que “[...] na elaboração do mundo objetivo (é que) o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como *ser genérico* [...]” (MARX, 2004, p.85, grifos do autor).

Ou seja, a peculiaridade encontra-se na maneira como o homem se comporta enquanto ser social e, sobretudo como ele se dirige ao objeto, e a partir de então, cria sempre novos objetos, e isso gera novas necessidades. Essa capacidade de extrair algo a mais da natureza, além do que está dado e ainda, de uma forma consciente, faz com que o homem se diferencie dos demais animais. Visto que,

[...] o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; (no animal) o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer species, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (MARX, 2004, p.85).

A atividade humana possui uma infinita gama de sentidos, tendo uma capacidade de desenvolver coisas previamente no seu consciente antes de realizá-la, ou

seja, “[...] quanto mais os homens se afastam dos animais mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão” (ENGELS, 1975, p.70).

Portanto, o trabalho foi se constituindo como elemento articulador e fundamental no processo de produção de novos instrumentos e signos, proporcionando novas capacidades humanas e um desenvolvimento superior, assim como uma maior distinção ontológica entre o ser social e o mundo da natureza (ARAÚJO e SANTOS, 2011, p.4). Logo, o trabalho foi à condição determinante para a humanização, “[...] ocasionando, posteriormente a modificação do cérebro, bem como dos órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato” (ARAÚJO e SANTOS, 2011, p.4).

Também, podemos dizer que “o trabalho é assim, histórica e socialmente, a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos” (VÁZQUEZ, 2011, p.64), neste sentido, “[...] Marx entende a arte como um desdobramento do trabalho [...]” (FREDERICO, 2005, p.15), já que as duas atividades – arte e trabalho – fazem parte da objetivação de suas necessidades. Pois, “foi justamente a atividade prática dos homens que criou as condições necessárias para elevar o grau de humanização das coisas e dos sentidos até o nível exigido pela estética [...]” e “[...] a criação artística e, em geral, a relação estética com as coisas é fruto de toda a história da humanidade e, por sua vez, é uma das formas mais elevadas de afirmação do homem no mundo objetivo.” (VÁZQUEZ, 2011, p.74).

Engels (1975, p.17-20) diz que o desenvolvimento do trabalho possibilitou que o homem alargasse seus horizontes e fosse descobrindo nas coisas outras propriedades até então desconhecidas, e para ele, o aperfeiçoamento das destrezas das mãos, é um marco para o desenvolvimento físico e intelectual do homem, uma vez que o homem foi tornando-se capaz de executar operações cada vez mais complexas e alcançar objetivos cada vez mais elaborados, assim o próprio trabalho foi se diversificando, aperfeiçoando-se a cada geração e estendendo-se a novas atividades. Assim, Marx e Engels exemplificam que:

[...] antes que o primeiro bloco de pedra pudesse ser moldado pela mão do homem de maneira a dele fazer uma faca, tiveram de passar períodos em relação aos quais o período histórico que

conhecemos é insignificante. Mas o passo decisivo estava dado: *a mão tinha-se libertado*. A partir de então, podia ir adquirindo outras habilidades e a maior destreza assim adquirida transmitiu-se hereditariamente e aumentou de geração em geração (1980, p.26, grifos do autor).

Essa adaptação a novas funções e esta transmissão hereditária do aperfeiçoamento das funções das mãos e da destreza dos músculos e ligamentos, fez com que o homem atingisse um grau de perfeição tamanha, que acabou por possibilitar a produção de obras estéticas (ENGELS, 1975, p.18). Este processo de domínio ocorreu progressivamente, e “como todo instrumento é um prolongamento da mão, o aparecimento de um novo, mais perfeito, significou a ampliação e elevação do domínio do homem sobre a matéria” (VÁZQUEZ, 2011, p.65).

A apropriação feita pelo homem, portanto, tanto dos objetos criados, quanto dos sentidos, vão tornando-os formas sociais, pois “[...] o próprio desenvolvimento do seu corpo, do cérebro, da fala e da relação entre os homens origina-se do trabalho” (PRIEB E CARCANHOLO, 2011, p.147), logo, é pelo trabalho que os sentidos foram se humanizando, deixando “[...] de serem meramente naturais e biológicos para se tornarem humanos” (VÁZQUEZ, 2011, p.72), conseqüentemente, o trabalho desenvolveu os sentidos, graças a ações objetivas e subjetivas que agem reciprocamente. Visto que,

[...] a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer *humanos* os *sentidos* do homem quanto para criar *sentido humano* correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural (MARX, 2004, p.111, grifos do autor).

Esse processo de objetivação causa transformações no percurso da história, permitindo ao homem obter consciência das propriedades dos objetos. O trabalho processual de aperfeiçoamento do objeto, desenvolvido pelo ser humano, só foi possível, a medida que este foi capaz de alcançar e desempenhar operações cada vez mais complexas, criando assim, respostas ao que necessita, pois “a produção [...] não se

limita apenas a oferecer um objeto material à necessidade, [mas] também oferece uma necessidade ao objeto material [...]" (MARX e ENGELS, 2010, p.137).

Neste modo dialético, essa evolução faz surgir necessidades e atividades ainda mais elaboradas, levando o homem a criar respostas às suas novas necessidades, e por sua vez a aumentar e a movimentar o labor. Como explica Lukács,

Tão somente o carecimento material, enquanto motor do processo de reprodução individual ou social, põe efetivamente em movimento o complexo do trabalho; e todas as mediações existem ontologicamente apenas em função da sua satisfação. O que não desmente o fato de que tal satisfação só possa ter lugar com a ajuda de uma cadeia de mediações, as quais transformam ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam, as suas relações recíprocas etc. (1978, p. 5).

O homem é capaz de tirar da natureza o que precisa para manter-se vivo e para se reproduzir enquanto ser genérico, ele se transforma à medida que modifica o mundo a sua volta, logo “o homem faz de sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência” (MARX, 2004, p.84). Essa consciência acabou por gerar um novo ser, que com atividades cada vez mais complexas ultrapassou o campo das necessidades biológicas, gerando necessidades mais intrincadas e abstratas, que possibilitou o seu desenvolvimento físico, mental e espiritual, sendo passadas de geração em geração, assim, é algo construído socialmente.

Os homens se relacionam uns com os outros, reconhecem essa relação e, principalmente, têm consciência dessa relação, e é dessa consciência que surge a história, porém essa consciência não é um ponto inicial, mas sim um ato constante, que se faz pela superação contínua no interior da relação com os outros, e o apropriamento humano do homem que reside nessa interrupta superação. Assim, a história é feita no fazer, na práxis é que ela encontra o seu ato de origem. Pelo fazer, pela práxis, o homem adquire sua dimensão especificamente humana (BORNHEIM, 1977, p.189-90).

O homem produz seus objetos e ideias por meio de relações sociais estabelecidas. O homem não só cria objetos para satisfazer sua necessidade, mas também para satisfazer a necessidade social, assim estabeleceu relações determinadas,

necessárias, dependente e/ou independente de sua vontade. Uma vez que, o homem torna-se autor de sua própria história e cultura, devido a sua condição de ser social. Portanto,

Tudo que envolve a identidade e a própria consciência humana – aquilo que permite ao homem não apenas conhecer, como os animais, mas se conhecer conhecendo, o que lhe faculta transcender simbolicamente o mundo da natureza de que é parte e sobre o qual age – é uma construção social que acompanha ao longo de sua história o acontecer do trabalho humano, ao sair-de-si, unir-se a outros e agir sobre o seu mundo e sobre si-mesmo (BRANDÃO, 2009, p.731).

A sociabilidade surge como necessidade imediatamente natural e visa revigorar a vida dos próprios indivíduos cotidianamente, pois o homem, como ser objetivo, necessita não apenas daqueles objetos que atendem suas carências físicas imediatas, mas também, e fundamentalmente, necessita do outro homem. Pois,

O homem não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seiendes wesen*), por isso, ser *genérico*, que, enquanto tal, tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber. Consequentemente, nem os objetos *humanos* são os objetos naturais assim como estes se oferecem imediatamente, nem o *sentido humano*, tal como é imediata e objetivamente, é sensibilidade *humana*, objetividade humana. A natureza não está, nem objetiva nem subjetivamente, imediatamente disponível ao ser *humano* de modo adequado (MARX, 2004, p.128, grifos do autor).

O ser humano toma consciência da natureza e também de sua própria natureza e descobre aspectos, elementos e objetos da realidade. É pelo trabalho e toda a sua capacidade de criação que o ser humano multiplicou suas ligações com a natureza. O trabalho é resultado da consciência do homem enquanto ser social, por conseguinte, o trabalho é igualmente um produto social, assim as manifestações humanas também são uma consequência social. Dentro desta lógica, a atividade sensível, igualmente, faz parte de um processo ininterrupto de produção de novos objetos e de existência humana,

pois “os homens são produtos das suas representações e das suas idéias [...]” (MARX e ENGELS, 2010, p.98).

Marx entende a arte como uma forma de objetivação humana, assim como o trabalho, “[...] é a forma primordial e essencial do contato do homem com o mundo, de que têm origem as formas e pensamentos cotidianos” (TONET, 1997, p.2004). Assim, o artista, também é visto como ser social, determinado pelas circunstâncias históricas em constante processo de transformação, logo, a arte também é uma forma de objetivação humana, assim como o trabalho, “[...] a arte é atividade, é realização progressiva da essência humana; é, ao mesmo tempo, distanciamento e ação transformadora da natureza” (FREDERICO, 2005, p.17).

A arte, embora seja um ato de objetivação, assim como o trabalho, ela não se restringe apenas a criação de objetos úteis, mas também a criação de objetos concreto-sensíveis. Estes expressam ideias e sentimentos humanos, que representam a capacidade que o homem tem de materializar suas forças essenciais. Assim, como diz Vázquez,

Arte e trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana, isto é, por ser a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que *falam dele e por ele*. Entre a arte e o trabalho, portanto, não existe oposição [...] [porém, há diferenças, uma vez que] o trabalho se encontra sujeito à mais rigorosa necessidade vital, ao passo que a arte é a expressão das forças livres e criadoras do homem. [...] A semelhança entre arte e o trabalho, que tem suas raízes na comum natureza criadora de ambos, não deve nos levar a desfazer a linha divisória que os separa. Os produtos do trabalho satisfazem determinada necessidade humana e valem, antes de mais nada, por sua capacidade de satisfazê-la [...] (2011, p.61, grifos do autor).

O homem passa a utilizar a arte, porque pelo trabalho, já havia superado a função prática do objeto útil, fazendo emergir o objeto útil belo e, posteriormente, o objeto fundamental belo, o qual só é alcançado quando se supera sua utilidade unilateral, para elevar o humano com a arte fundamental do ser. Isto é, a arte passa a ter uma utilidade universal humana, o que pontua o vínculo entre trabalho e arte, cuja origem nasce primeiro no imaginário e se manifesta ou se materializa no início do

processo de criação, o qual expressa ideias e sentimentos por um ato criador que engendra a arte (NUNES, 2004, p.41). Deste modo, a arte é uma criação humana que traz a capacidade de expressão e de objetivação das subjetivações humanas, e sua peculiaridade encontra-se no fato do ser humano conseguir mostrar sua essência, sem as limitações de utilidade materiais que o trabalho apresenta, pois a arte permite que o homem utilize sua capacidade de se expressar em toda a sua plenitude. No entanto, não podemos dizer que trabalho e arte, se diferenciam pela sua propriedade útil e não útil. Marx explica que,

[...] primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como um *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo *arte* da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma espécie, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem (2004, p.84, grifos do autor).

Trabalho e arte, portanto, é criação de uma realidade em que plasmam finalidades humanas, o trabalho com predomínio de uma carência prático material e a arte com predomínio da atividade cognitiva. A utilidade da obra artística depende de sua capacidade de satisfazer não uma necessidade material determinada, mas a necessidade geral que o homem sente de humanizar tudo o que toca e de se reconhecer no mundo objetivado por ele (VÁZQUEZ, 2011, p.62). Em outras palavras, “a arte é a expressão do homem em face não apenas da necessidade física, imediata, instintiva, mas também em face de necessidades humanas que possuem um caráter prático unilateral” (VÁZQUEZ, 2011, p.63).

A arte nasce do desenvolvimento e das necessidades históricas, mas ao mesmo tempo inerentes ao ser social. Porém, ela não é uma necessidade “natural” do homem, como comer, beber, dormir, etc., pelo contrário, o homem “[...] só [a] produz quando liberto de tais necessidades” (MARX e ENGELS, 1980, p.51), ou seja, a arte é uma ampliação de um conjunto de mediações objetivas e subjetivas (VÁZQUEZ, 2011, p.97) e a socialização e sua evolução vão provocando mudanças, gerando novas necessidades e produzindo um conhecimento cada vez mais complexo que vai alterando a relação

entre os homens, entre eles e a natureza e também altera a relação e a estrutura interna do próprio indivíduo. O homem partilha aquilo que o constitui – racionalidade e historicidade – logo, convivendo com os outros ele estabelece relação com aquilo que ele próprio constrói (GONTIJO, 2007, p.57-62).

Ultrapassando as exigências prático-utilitário do objeto e com a criação de objetos cada vez mais complexos e sociais, o homem amplia o gradiente dessas necessidades, resultando assim em produções cada vez mais elaboradas e diversas em relação às anteriores. “O trabalho é [...] a condição necessária e fundamental do surgimento da arte, bem como da relação estética sensível do homem com seus produtos sociais” (NUNES, 2004, p.30), portanto, o trabalho, enquanto atividade adequada a um fim é apenas um dos elementos da atividade sensível, pois “o lugar em que o sentido encontra a sua gênese é o trabalho, a ação humana, a práxis” (BORNHEIM, 1977, p. 227). Marx não reduziu o homem ao puramente sensitivo,

[...] ele fala na relação do homem com o mundo, uma relação que se estrutura com a totalidade do humano: como o ver, o ouvir, o degustar, o sentir, o pensar, o intuir, o querer, o agir, o amar, etc.: o homem se apropria de sua essência plurifacetada de modo plurifacetado, como homem total. Assim é todo o comportamento humano que entra em cena. Contudo, há um privilégio do sensível, pois [...] pelo sensível, pelo corpo, o homem se faz mundo; pelo objeto sensível estabelece-se a conaturalidade entre homem e mundo, visto que o sensível é objetivo (BORNHEIM, 1977, p.213).

O homem encontra a sua medida no objeto, ele humaniza o objeto e nesse processo também é modificado por ele, visto que “[...] o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como produz o objeto [...]” (MARX, 2004, p.106), igualmente, tanto o homem, como o objeto, são tanto resultado como ponto de partida do movimento constante de transformações e evoluções “[...] assim como a sociedade mesma produz o homem enquanto homem, assim ela é produzida por meio dele [...]” (MARX, 2004, p.106), logo, tanto o homem, quanto a sociedade e o objeto são modos de existência segundo a atividade social. Dentro desta prerrogativa, a arte, mesmo tendo

um caráter de autonomia, acaba por refletir a realidade do sujeito, de acordo com Marx, isso ocorre, porque,

Minha consciência *universal* é apenas a figura *teórica* daquilo de que a coletividade *real*, o ser social, é figura *viva*, ao passo que hoje em dia a consciência *universal* é uma abstração da vida efetiva e como tal se defronta hostilmente a ela. Por isso, também a *atividade* da minha consciência universal – enquanto uma tal [atividade] – é minha existência *teórica* enquanto ser social (2004, p.107, grifos do autor).

Como consciência genérica o homem confirma sua coletividade real, ele é ser social. Suas manifestações de vida, mesmo que não sejam de forma imediata, acabam por refletir e ratificar a vida social. A vida individual do homem vai sempre estar imbricada com a vida social, seja de modo mais individual ou mais universal. O ser genérico se confirma em seu pensar e em sua existência efetiva, tornando ser pensante para si, dentro de uma universidade expondo em maior ou menor grau a consciência genérica (MARX, 2004, p.107).

Como “[...] o objeto é constituído em sua condição de objeto pelo trabalho humano” (BORNHEIM, 1977, p.213), ele vai comportar-se humanamente em relação ao homem, portanto, “[...] deve ser adequado ao que o homem pensa e sente, ao que ele faz [...]” (BORNHEIM, 1977, p.212), ou seja, o sujeito encontra a sua medida no objeto. Na obra de arte, que nada mais é do que um objeto produzido pelo homem, isto também ocorre, uma vez que “[...] a arte é indissolivelmente ligada a sua objetividade e subjetividade [...]” (LUKÁCS, 1968, p.283). Por conseguinte, é relevante o papel que a subjetividade desempenha no processo de constituição do objeto estético, pois “[...] não pode existir um só momento da obra de arte – por mais que seja possível objetivá-la em si – que possa ser concebido independentemente do homem, da subjetividade humana” (LUKÁCS, 1968, p.192), uma vez que não existe produção artística sem o homem. Lukács esclarece que,

A objetividade [...] não pode ser separada da subjetividade, nem mesmo na mais intensa abstração da análise estética mais geral. A proposição “sem sujeito não há objeto”, que na teoria do

conhecimento implicaria num equívoco idealismo, é um dos princípios fundamentais da estética na medida em que não pode existir nenhum objeto estético sem sujeito estético; o objeto (a obra de arte) é carregado de subjetividade em toda a sua estrutura, o seu conjunto implica a subjetividade como elemento do princípio construtivo (1968, p.196).

Este pensamento está atrelado à ideia marxiana, uma vez que para Marx, não há dicotomia entre objetividade e subjetividade, ambas são frutos da atividade humana. Marx sugere que existe dependência do objeto em relação ao sujeito, pois

[...] é apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza *humanizada*. A *formação* dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui (MARX, 2004, p.110, grifos do autor).

Esta atividade sensível não é algo estático, um resultado acabado, mas um processo histórico de uma objetividade dinâmica, a qual vai tendo interferências do mundo que o circunda, pois o conhecimento de si do homem não acontece sem o conhecimento do conjunto de suas relações com o mundo exterior, portanto, “qualquer interpretação do mundo exterior nada mais é do que um reflexo, por parte da consciência humana, do mundo que existe independentemente da consciência [...]” (OLDRINI, [s.d.], p.13), assim, na relação estética deve-se sempre considerar a interação existente entre subjetividade e objetividade.

É importante lembrar, entretanto, que não ocorre uma relação mecânica entre sujeito e objeto, uma vez que o homem não é apenas um ser ativo diante das condições materiais, “[...] porque se [de um lado] há nele forças ativas, de outro ele é passivo, sofre a ação [...]” (BORNHEIM, 1977, p.183), portanto, ele modifica a natureza por meio de seu trabalho e é modificado por ela, havendo uma relação de reciprocidade. Ou

seja, “[...] a atividade criadora produz uma espécie de cumplicidade entre a natureza humana e a natureza objeto da sua ação [...]” (PINO, 2006, p.54). Todo comportamento do homem e suas ações criadoras constituem uma série de reações dotadas de atributos da existência material. Como destaca Vygotski,

A natureza dotou o homem de uma necessidade estética que possibilita que este tenha ideias, estéticas, gostos e sensações. Porém, estabelecer com exatidão que gostos, ideias e sensações terá o homem social em questão, em uma determinada época histórica, não é diretamente dedutível da natureza do homem. Essa resposta só nos pode ser dada por uma interpretação materialista da história (1991, p.32).

Nesta direção, ao interpretar de modo materialista o processo histórico, percebemos que o homem se torna cada vez mais social e humanizado produzindo uma nova forma de ser, “[...] o homem enquanto um ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo mesmo enquanto ser genérico” (MARX, 2004, p.85). Dentro deste processo, a arte, que é um produto da atividade humana, produto este, completo e complexo, vai estar comprometida com a realidade histórica, uma vez que a arte é a materialização da subjetividade humana, de fatos psíquicos do homem, entretanto, não é apenas uma simples expressão de uma subjetividade humana, pois a arte, o objeto artístico “[...] é o subjetivo objetivado, mas sem que o produto artístico seja mera transposição do subjetivo nem possa ser reduzido a ele” (VÁZQUEZ, 1986, p.255). Deste modo, a obra de arte não se detém á análise da forma da obra, mas a totalidade entre forma e conteúdo, pois o homem é produto do social, da coletividade. Assim sua obra vai expressar percepções e interpretações do movimento histórico a que pertence.

A arte permite uma comunicação com os homens no decorrer do movimento histórico, pois nela está imbricada a objetividade do trabalho humano, com a sensibilidade estética e a consciência social, formando uma nova realidade. A obra de arte, portanto,

[...] é uma *nova realidade social* que passa a existir/agir/interferir no mundo. E não apenas no chamado

‘mundo da arte’, mas na vida concreta dos indivíduos que, em contato com a obra, envolvem-se recriam-na, e, em pensamento e na imaginação, estabelecem com ela diálogos ora mais ora menos eloquentes, enfim, inserem-na em sua existência (PEIXOTO, 2006, p. 247, grifo da autora).

Assim, a arte é uma representação do pensamento racional, pois é por meio do processo de construção, reconstrução e criação artística que ocorre a organização do pensamento humano. Na arte, a consciência produz o não material, portanto não é apenas o objeto artístico em construção, que interessa, mas também a produção de conhecimento, uma vez que no processo de construção do objeto o homem também se constrói. E é neste processo que o homem revela seu poder de representar, pois a arte, além de ser uma forma de expressão, também é a forma que o homem utiliza para entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele, uma vez que o conhecimento do meio é basilar para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o homem amplia o seu saber (BUORO, 2003, p.20). O pensar sobre o mundo entra em confronto com a sua objetividade e assim o homem compreende melhor o mundo e a si mesmo, num processo de exteriorização.

Arte é resultado de uma força constante entre o social e o individual e está ligada com a identificação do indivíduo com seu mundo, mostrando sua capacidade de percepção do mundo que o circunda, uma vez que “[...] a arte está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento [...]” (READ, 2001, p.15). Portanto, o homem busca criar com o objetivo de exteriorizar o seu pensamento, ampliando ainda mais sua capacidade de percepção sobre o mundo. A arte esta ligada a essência humana, conseqüentemente “o homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz essa necessidade de humanização” (VÁZQUEZ, 2011, p.43).

A capacidade de abstração, imaginação e criação do homem vai mostrando sua percepção de mundo, sua forma de se expressar e seu caráter sensibilizador, pois “a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias” (FISCHER, 1983, p.13). Deste modo, não pode haver “arte pela arte”, mas arte por e para o homem, o qual se sente mais afirmado, mais criador, isto é, mais humano, pois o

produto artístico é uma nova realidade que testemunha, antes de qualquer a presença do homem como ser criador (VÁZQUEZ, 2011, p.43).

Cabe lembrar que, de acordo com Marx, a autonomia da arte é a condição necessária de sua existência, uma vez que o artista de um determinado tempo não pode criar por imposição externa, mesmo que existam determinantes históricos, econômicos e sociais, pois a arte é justamente a ruptura com estes determinantes, assim o artista deve criar por necessidade interior de expressão, a qual vai acabar por refletir as tradições artísticas condicionadas socialmente (PAES e VIEIRA, 2011, p.5). Como explica Marx,

[...] é só quando a realidade objetiva em toda parte se torna para o homem-em-sociedade a realidade das faculdades humanas, a realidade humana, e portanto a realidade de suas próprias faculdades, que todos os objetos se tornam o conhecimento dele próprio (2004, p.112).

Este processo criador é resultado do desenvolvimento intelectual, do dispêndio da força intelectual, do despertar de sensações humanas, enfim, resultado de experiências vivenciadas coletivamente e que foi transferida para a consciência individual, ou seja, a arte exprime o indivíduo em suas particularidades – da conexão entre o social e o individual –, pois “a arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento inteiramente específico [...]” (VIGOTSKI, 2001, p.5), logo,

O homem – por mais que seja, [...] um indivíduo particular, e precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-individual (*wirkliches individuelles Gemeinwesen*) – é, do mesmo modo, tanto a *totalidade* ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na efetividade, tanto como intuição e fruição efetiva da existência social, quanto como uma totalidade de externalização humana de vida. Pensar e ser são, portanto, certamente *diferentes*, mas [estão] ao mesmo tempo em *unidade* mútua (MARX, 2004, p.108, grifos do autor).

É sempre importante ressaltar que o indivíduo é o ser social, e que suas manifestações de vida, mesmo que não apareçam de forma imediata, são externalizações e confirmações da vida social, pois a vida social e a vida individual não se dissociam

(MARX, 2004, p.107). É dentro deste processo, que o homem vai ampliando e arquitetando seus conhecimentos. A arte torna-se uma peça chave no desenvolvimento intelectual, por meio da percepção usada, pelo homem, para transmitir seus pensamentos.

A arte possibilitou ao homem desenvolver sua atividade psíquica por meio da criação artística, onde o homem pode expor seu poder de criação mostrando como o homem age no mundo, uma vez que “[...] o poder de criação do homem explicita-se na criação de objetos humanizados e de sua própria natureza” (VÁZQUEZ, 2010, p.47). Assim, as manifestações artísticas possibilitaram ao homem um espaço onde ele pudesse expressar ideias que estão fora do entendimento da linguagem, utilizando representações e signos, podendo expressar e interferir na realidade por meio de seu pensamento, demonstrando sua realidade e concretizando aspectos do sentir humano, ou seja, o homem pode, por meio da arte, representar o universo coletivo das relações sociais e também o universo compreendido pelo subjetivismo individual. Deste modo, a arte possibilitou ao homem ampliar e enriquecer sua capacidade de expressão e comunicação, potencializando, assim o enriquecimento do desenvolvimento humano.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Waldirene Pereira. **Formação estética de professores dos anos iniciais: desafios e possibilidades na prática pedagógica.** [s.d.]. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT./GT03\\_05\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT./GT03_05_2010.pdf)>. Acessado em: 12 de setembro de 2012.

BORNHEIM, Gerd Alberto. **Dialética:** teoria, práxis – ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética. São Paulo: Globo, 1977.

BRANDÃO, Antonio Carlos. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de pesquisa**, v.39, n.138, set/dez, 2009. p.715-46.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Textos.** São Paulo: Edições sociais, 1975.



FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9ª edição. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREDERICO, Celso. A arte em Marx: um estudo sobre os manuscritos econômico-filosóficos. **Novos rumos**. Ano 20, n.42, 2005, p.3-24.

GONTIJO, Erik Haagensen. **Natureza, sociedade e a atividade sensível na formação do pensamento marxiano**. Belo Horizonte, MG, 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Faculdade de filosofia e ciências humanas – UFMG, 2007.

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas, número 4. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilizações brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre literatura e arte**. Tradução: Olinto Beckerman. São Paulo: Global editora, 1980.

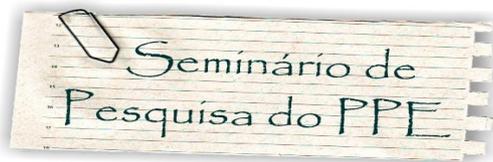
\_\_\_\_\_. **Cultura, arte e literatura**. Tradução: José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcante Yoshida. São Paulo: Expressão popular, 2010.

NUNES, Luíza Ruschel. **Trabalho, arte e educação**: formação humana e prática pedagógica. Santa Maria: UFSM, 2004.

OLDRINI, Guido. **Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács**. Tradução: Ivo Tonet. [s.d.]. Disponível em: <<http://dc219.4shared.com/doc/9IB2VQVL/preview.html>>. Acessado em: 17 de dezembro de 2012.

PAES, Paulo C. Duarte e VIEIRA, Gizelaine dos Santos. As ideias estéticas de Marx e a arte pós-moderna. In: **V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo**. Florianópolis, 2011.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. Arte e educação política: resistir sim! In: **Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em arte**. Escola de Música e Belas-Artes do Paraná, Curitiba, 2006.



PINO, Angel. A produção imaginária e a formação do sentido estético: reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-Posições**, v.17, n.2, maio/ago. 2006, p.47-69.

PRIEB, Sérgio A. M. e CARCANHOLO, Reinaldo A. O trabalho em Marx. In: CARCANHOLO, Reinaldo A. (org.). **Capital: essência e aparência**. São Paulo: Expressão popular, 2011, p.147-161.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: Edufal, 1997.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição. São Paulo: Expressão popular, 2011.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da práxis**. Tradução: Luiz Fernando Cardoso. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.